



## **AS DUAS FACES DO MARXISMO DE WALTER BENJAMIN: ANÁLISE SOBRE A ‘PARADOXAL REVERSIBILIDADE RECÍPROCA’ (*UMSCHLAGEN*)**

**Maurício Sérgio Bergamo**  
**Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de**  
**Francisco Beltrão/PR. Bolsista CAPES**

**RESUMO:** O artigo detém-se em mostrar algumas das principais considerações de Walter Benjamin à história, apresentadas em seu texto - *Sobre o conceito da história* - escrito e publicado em alemão, originalmente, no mesmo ano de seu suicídio, em 1940. A frente do desencadeamento dos movimentos totalitaristas da Europa do século XX, Benjamin propõe um projeto intelectual, voltado a despertar nas classes subalternas o sentimento de revolução e de interrupção do *continnun* histórico. Para ele, a história sempre é contada do ponto de vista das classes hegemônicas, os vencedores da história. Estes, modelam e dirigem a história conforme seus interesses particulares, excluindo dos processos históricos, as várias contradições políticas, econômicas e sociais do passado. No presente, assim, a história não é contada, narrada e exposta na natureza íntegra e verídica dos fatos. Fato este, que leva o conformismo a todos aqueles que, no instante presente, deveriam redimir as injustiças cometidas no passado pelas classes hegemônicas. Deste modo, será pertinente trabalhar os dezoito aforismo que compõe seu texto, para entender, quais os principais motivos que levaram Benjamin à ter o sentimento pessimista da história. Com isso, busca-se esclarecer, sucintamente, alguns dos principais pressupostos teóricos que compõe seu projeto intelectual. No cerne de sua proposta o conceito de ‘paradoxal reversibilidade recíproca’ (*Umschlagen*) assume significativa importância pois, é através dele que Benjamin propõe um movimento esquerdista acionário e mais radical do que o marxismo tradicional, para salvar a humanidade da catástrofe histórica: a propagação do liberalismo econômico.

**PALAVRAS-CHAVE:** história; movimentos totalitaristas; paradoxal reversibilidade recíproca; catástrofe; liberalismo econômico.

**RESUMEN:** El artículo se centra en mostrar algunas de las principales consideraciones de Walter Benjamin a la historia, expuestas en su texto - *Sobre el concepto de historia* - escrito y liberado en alemán, el mismo año de su suicidio, en 1940. El frente de lo desencadenamiento de los movimientos totalitarios de la Europa del siglo XX, Benjamin propone un proyecto intelectual, dirigido a despertar en las clases subalternas, el sentimiento de revolución y de interrupción de lo *continnun* o histórico. Para él, la historia siempre es contada de lo punto de vista de las clases hegemónicas, los ganadores de la historia. Ellos conducin la historia de acuerdo a sus intereses particulares y excluín de los procesos históricos, las contradicciones políticas, económicas e sociales del pasado. En el presente, así, la historia no es contada en la verdadera naturaleza de los hechos. Com eso, el conformismo alcanza aquellos que en el presente, deberían redimir las injusticias practicadas por las clases hegemónicas. De este modo, se importante indagar los dieciocho párrafos de su texto, para entender, las principales razones de lo sentimiento pessimista de Benjamin a historia. De esta manera, deseamos aclarar algunos

de los principales argumentos teorizantes que compone su proyecto intelectual. En el núcleo de su propuesta, el concepto de 'reversibilidad paradójica mutua' (*Umschlagen*) adquiere una importancia significativa, porque es atraves de este, que Benjamin ira proponer uno movimiento de izquierda más radical que el marxismo tradicional, para guardar a la humanidad de lo desastre histórico: a difusión de lo liberalismo económico

**PALABRAS-CLAVE:** historia; movimientos totalitários; recíproco reversibilidad paradójica; desastre; liberalismo económico

## Introdução

As *Teses sobre o conceito da história*, texto composto por dezoito aforismos, foi publicado no mesmo ano do suicídio de Benjamin. Em seu ensaio, encontram-se interessantes passagens referentes a sua concepção de História.

Para Löwy (2005), as *Teses* de Benjamin é um dos mais importantes textos de filosofia e política do século XX. Segundo o autor, a filosofia da história de Benjamin foi influenciada por três diferentes mananciais teóricos: o Romantismo alemão, o messianismo judaico e o marxianismo. Todavia, “Não se trata de uma combinação ou ‘síntese’ eclética dessas três perspectivas (aparentemente) incompatíveis, mas da invenção, a partir destas, de uma nova concepção profundamente original” (p.17).

É nesse aspectos que Löwy (2005) destaca, que Benjamin é denotado, frequentemente, como um dos críticos literários mais enigmáticos, sobretudo, pelo seu desvencilhamento dos padrões teóricos estabelecidos pela história, desde a publicação de Marx, em 1888, das *Teses sobre Feuerbach*.

As críticas dirigidas à cultura e à civilização moderna marcam a influência do Romantismo Alemão nos escritos de Benjamin. Sua visão de mundo expressada pela busca encantadora dos fenômenos mundanos, partindo das críticas feitas aos modos de vida estabelecidos pela industrialização capitalista, ligam Benjamin a tradição romântica alemã. Seus protestos contra a degradação dos sentidos frente a concepção de progresso, oriunda da quantificação e da mecanização da vida, também evidenciam a influência do movimento filosófico, literário e artísticos, alternativo ao culto da razão promovido pelo Iluminismo. O panorama apresentado por Löwy (2005, p. 20) se refere a essa situação:

O diálogo retoma, aqui, vários momentos da crítica romântica à modernidade: a transformação dos seres humanos em ‘máquinas de trabalho’, a degradação do trabalho a uma simples técnica, a submissão desesperadora

das pessoas ao mecanismo social, a substituição dos ‘esforços heroico-revolucionários’ do passado pela piedosa marcha (semelhante à do caranguejo) da evolução do progresso.

O diálogo de Benjamin com a vertente do Romantismo Alemão, o leva a lutar contra os princípios estabelecidos pelas sociedades modernas, industriais e capitalistas. É preciso enfatizar, que o ataque feito por Benjamin à ideologia do progresso, constituída pelas classes hegemônicas da história, não é feito em nome do conservadorismo. Ao contrário, os severos julgamentos de Benjamin às dinâmicas totalitaristas, àquelas que ao invés de construir pontes criam abismos entre culturas ou classes sociais, seja a do Fascismo, do Nazismo ou do próprio modo de produção, corresponde a uma tendência revolucionária do curso historial.

A orientação para os esforços heroico-revolucionários da história nos escritos de Benjamin, para Löwy (2005), estão ligados a ‘paradoxal reversibilidade recíproca’ (*Umschlagen*). Para o autor, essa expressão denota a atração mútua e o esforço recíproco entre duas vertentes teóricas contraditórias: o messianismo judaico e o marxianismo<sup>1</sup>.

Nesse sentido, os atos de emancipação das classes oprimidas da história estariam vinculados aos desígnios de Deus. O Reino de Deus, na Terra, corresponderia a toda configuração empírica planejada e executada pelas classes oprimidas da história. Porém, não seria o Messias enviado do céu que romperia com o curso da história. Seriam as gerações humanas, que possuidoras de uma parcela do poder messiânico, além de rememorarem o sofrimento dos oprimidos do passado, reparariam com atos revolucionários no presente, as injustiças cometidas outrora pelos opressores. Essa situação é explicitada por Löwy (2005, p. 45) da seguinte maneira:

Para Benjamin, a teologia não é um objetivo em si, não visa a contemplação inefável de verdades eternas, e muito menos, como poderia a etimologia levar a crer, à reflexão sobre a natureza do Ser divino: ela está a serviço da luta dos oprimidos. Mais precisamente, ela deve servir para reestabelecer a força explosiva, messiânica, revolucionária do materialismo histórico – reduzido por seus epígonos, a um mísero autômato. O materialismo histórico ao qual se refere Benjamin é aquele que resulta dessa vivificação, dessa ativação espiritual pela teologia.

---

<sup>1</sup> Enquanto o termo marxismo se refere as derivações constituídas pela teoria social e pela doutrina política da obra de Karl Marx e de seu íntimo colaborador Friedrich Engels, o marxianismo está ligado, diretamente, as proposições do pensamento de Marx, sem derivações ou (re)interpretações.

Se, de um lado, a ‘paradoxal reversibilidade recíproca’ (*Umschlagen*) leva a interrupção do *continuuon* histórico, ao rompimento das versões históricas contadas pelos triunfantes da história, de outro, ela revela a ineficiência do marxianismo tradicional na apreensão íntegra dos fenômenos históricos.

Na concepção de Benjamin, o materialismo histórico marxiano não é suficiente em resgatar, na natureza íntegra dos fatos, os acontecimentos históricos do passado, pois, ele investiga apenas uma pequena proporção dos acontecimentos degradantes das classes exploradas. As consequências espirituais da ameaça do progresso técnico e econômico promovido pelo modo de produção, e as qualidades críticas que aspiram a luta de classes, pressupostos fundamentais que deveriam ser investigados pelo cânon interpretativo de Marx, para Benjamin, são exauridos do materialismo histórico.

É com o intuito de acionar um marxismo mais radical do que o marxianismo tradicional, que Benjamin, segundo Löwy (2005), irá desenvolver uma proposta de interpretação histórica sustentada pela ‘paradoxal reversibilidade recíproca’. Somente assim, o passado poderá ser trazido ao presente como ele realmente foi, saturado de tensões e contradições políticas, sociais e econômica. Tais dicotomias, se fossem apreendidas pelas classes oprimidas da história, despertaria a força messiânica de todos aqueles que sofrem opressão. Fato este que culminaria na revolução do proletariado e na aniquilação das verdades históricas contadas e narradas pelos triunfantes da história. Com isso, tem-se que destacar que:

Na literatura sobre Benjamin, deparam-nos frequentemente, com dois erros simétricos, que devem ser evitados a todo custo: o primeiro consiste em dissociar, por meio de uma operação (no sentido clínico do termo) de ‘corte epistemológico’, a obra de juventude ‘idealista’ e teológica da ‘materialista’ e revolucionária da maturidade; o segundo, em contrapartida, encara sua obra como um todo homogêneo e não leva absolutamente em consideração a alteração profunda trazida, por volta nos anos 20, pela descoberta do marxismo (LÖWY, 2002, p. 199).

Fica claro, que o marxianismo e a doutrina teológica do judaísmo influenciaram as sentenças argumentativas de Benjamin à história. Sua escrita, nas *Teses sobre o conceito de história*, é preenchida por metáforas que dificultam o entendimento do texto. Entretanto, percebe-se, a indignação de Benjamin à História. A tradição historicista, nem mesmo o materialismo histórico dialético de Marx, frente ao processo histórico em curso que se dirige ao presente, estando ligado ao domínio das classes

hegemônicas vencedoras - àquelas que reproduzem as dinâmicas impostas pela divisão social do trabalho e pelo individualismo - não são suficientes em resgatar, com autêntica autonomia, os acontecimentos históricos ocorridos do passado.

O artigo está estruturado em uma única seção, em que, analisar-se-á, brevemente, alguns dos principais argumentos de Benjamin à história e as suas prerrogativas acerca da apreensão íntegra dos fenômenos históricos. Procura-se evidenciar, desta maneira, a importância que a função da ‘paradoxal reversibilidade recíproca’ (*Umschlagen*) assume na proposta intelectual de Walter Benjamin.

### **I – A relação entre o marxismo e a teologia: a revolução e o rompimento do *continnun* histórico através da ‘paradoxal reversibilidade recíproca’ (*Umschlagen*).**

Para Abbagnano (2007), o termo historicismo foi empregado pela primeira vez por Novalis (1778-1801). Segundo seu *Dicionário de Filosofia*, pode-se distinguir três diferentes linhas de pensamento referente ao historicismo.

A primeira concepção de historicismo, é denominada por Abbagnano (2007), de *historicismo absoluto*. A finalidade do *historicismo absoluto* é apreender a natureza da história através da relação entre finito e infinito, entre mundo e Deus. A história, nessa perspectiva, é compreendida como a realização máxima de Deus, enquanto Protagonista da tradição teológica judaico-cristã. Os principais fundadores dessa linha de raciocínio do historicismo, segundo o autor, foram Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) e Benedetto Croce (1866-1952).

Abbagnano (2007), denota a segunda linha de pensamento da concepção historicista de *historicismo fideísta*. Essa vertente é uma variante do *historicismo absoluto*. Ela “[...] vê na história a revelação de Deus no sentido de considerar que cada momento da história está em relação direta com Deus e é permeado dos valores transcendentais que Ele inclui na história” (p. 589). Nela, a revelação de Deus na história do mundo ocorre, substancialmente, por meio da fé. Os principais defensores do *historicismo fideísta*, conforme destaca o autor, foram Ernest Troeltsch (1865-1923) e Friedrich Meinecke (1862-1954).

O *historicismo relativista* é a terceira corrente do historicismo. Conforme apresenta Abbagnano (2007), o *historicismo relativista* é a doutrina que busca apreender

as unidades históricas, das épocas ou das civilizações, em parâmetros universais. A universidade, nessa perspectiva, está vinculada, necessariamente, a relação entre os valores morais e os conteúdos espaço-temporais. Nessa conjuntura, a história seria um movimento incessante, cujo *télos* está vinculado ao julgamento significativo dos valores de verdade dos historicistas. As experiências vitais seria o fluir responsável por conciliar os diversos e diferentes pressupostos históricos.

Dito isso, em conformidade com Löwy (2005), há nas *Teses* de Benjamin, fortes indícios da influência judaico-cristã. Entretanto, Benjamin não assegura a apreensão dos fenômenos históricos, unicamente, através da teologia, muito menos através do historicismo e do materialismo histórico. A teologia deve estar mesclada com o materialismo histórico e vice e versa. Fato que fundamenta a ‘paradoxal reversibilidade recíproca’. Única via necessária para fazer explodir o *continnuon* histórico dirigido pelos opressores e levar as classes oprimidas ao momento de revolução. Instante este que, segundo o autor, evitaria a catástrofe da humanidade.

Pode-se considerar, que os argumentos providencialistas nas *Teses* de Benjamin, irradiam aspirações revolucionárias. A emancipação das classes oprimidas da história seria conduzida pela figura de Messias. Porém, o Messias referido por Benjamin, não seria o descendente de Deus que desceu dos céus para salvar a humanidade no dia do Juízo Final. Seria a própria humanidade, convencida, através da apreensão íntegra dos fatos históricos, das dicotomias sociais, políticas e econômicas ocasionadas no passado pelas classes opressoras.

É nesse contexto que Benjamin destaca a ineficiência revolucionária, tanto do historicismo como do materialismo histórico por si sós. A teologia seria o motor espiritual da potência adormecida nos materialistas históricos. Seria ela que despertaria a chama do espírito messiânico que conduziria a história ao rompimento dos ditames impostos pelas classes triunfantes da história, as quais, relatam os fatos do passado de acordo com seus meros interesses. Essa situação é esclarecida no segundo aforismo das *Teses*. Observa-se:

Em outras palavras, a imagem da felicidade está indissolivelmente ligada à da salvação. O mesmo ocorre com a imagem do passado, que a história transforma em coisa sua. O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? Não têm as mulheres que cortejamos irmãs que elas não

chegaram a conhecer? Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Alguém na terra está à nossa espera. Nesse caso, como a cada geração, foi-nos concedida uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo. Esse apelo não pode ser rejeitado impunemente. O materialista histórico sabe disso (BENJAMIN, 1987, p. 223).

A salvação que se refere Benjamin, de acordo com Löwy (2005), não é correspondente a prerrogativas metafísicas ou transcendentais. Ela está estreitamente vinculada a redenção, no instante presente, de todos aqueles que no passado foram oprimidos. A incumbência do Messias, da humanidade livre da catástrofe historial imposta pelo modo de produção caracterizado pela propriedade privada e pela busca insaciável do lucro, corresponderia ao reparo, no tempo presente, das injustiças cometidas no passado pelas classes opressoras. Esses indícios são apresentados pelo autor da seguinte maneira:

Deus está ausente, e a tarefa messiânica é inteiramente atribuída às gerações humanas. O único messias possível é coletivo: é a própria humanidade, mais precisamente, a humanidade oprimida. Não se trata de esperar o Messias, ou de calcular o dia de sua chegada – como fazem o cabalistas e outros místicos judeus que praticam a *gematria* – mas de agir coletivamente. A redenção é uma auto redenção, cujo equivalente profano pode ser encontrado em Marx: os homens fazem sua própria história, a emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores (LÖWY, 2005, p. 52).

A redenção das classes oprimidas do passado não está garantida. Ela é uma possibilidade muito pequena. A redenção, nesse sentido, está ligada ao sentimento de felicidade. O sentimento majoritário oriundo da reparação, em tempo presente, das injustiças praticadas pelos opressores no passado. Se a falta de arbitrariedade do passado não for reparada no tempo presente, o jugo dos subalternos continuará a perpetuar.

É por esse motivo que, “O poder messiânico não é apenas contemplativo – ‘o olhar voltado para o passado’. É também ativo: a redenção é uma tarefa revolucionária que se realiza no presente” (LÖWY, 2005, p. 53).

A revolução, nesses moldes, não é desencadeada, unicamente, pela consciência historicista e nem pelo materialismo histórico. Pode-se perceber o poder revolucionário que a teologia mesclada ao historicismo e ao materialismo histórico assume nas *Teses* de Benjamin. Ela é a faísca que ascende o espírito messiânico-revolucionário das classes oprimidas no tempo presente.

Em chama ardente, efervescendo no presente em busca dos reparos morais sofridos pelos derrotados outrora, a redenção de todos aqueles que foram esquecidos dos contos narrados pelos vitoriosos da história, seria marcada pelo contínuo combate emancipador no tempo presente. É nesse sentido que Benjamin (1987, p. 52) afirma que, “[...] existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa”.

Por outro lado, o historicismo e o materialismo histórico por si só seriam comparados a barcos à deriva sem capitães. Do mesmo maneira, a teologia desvinculada do historicismo e do materialismo histórico acarretaria em futilidades históricas.

O historicismo, é julgado negativamente por Benjamin, por estar conformado com as trágicas vivências das classes subalternas do passado. Os historicistas, segundo Löwy (2005), sugerem uma autêntica imagem no presente, dos fatos históricos passados. Desta maneira, ao invés de oportunizar ocasiões fugazes que levem a interrupção da catástrofe humana, a vertente historicista, falsifica e impele ao esquecimento, os acontecimentos históricos de outrora. Essa situação é expressada da seguinte maneira pelo autor:

Fustel de Coulanges recomenda ao historiador interessado em ressuscitar uma época que esqueça tudo o que sabe sobre fases posteriores da história. Impossível caracterizar melhor o método com o qual rompeu o materialismo histórico. Esse método é o da empatia. Sua origem é a inércia do coração, a acedia, que desespera de apropriar-se da verdadeira imagem histórica, em seu relampejar fugaz. Para os teólogos medievais, a acedia era o primeiro fundamento da tristeza. Flaubert, que a conhecia, escreveu: "Peu de gens devineront combien il a fallu être triste pour ressusciter Carthage". A natureza dessa tristeza se tomará mais clara se nos perguntarmos com quem o investigador historicista estabelece uma relação de empatia. A resposta é inequívoca: com o vencedor. Ora, os que num momento dado dominam são os herdeiros de todos os que venceram antes. A empatia com o vencedor beneficia sempre, portanto, esses dominadores. Isso diz tudo para o materialista histórico. Todos os que até hoje venceram participam do cortejo triunfal, em que os dominadores de hoje espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão. Os despojos são carregados no cortejo, como de praxe. Esses despojos são o que chamamos bens culturais. O materialista histórico os contempla com distanciamento. Pois todos os bens culturais que ele vê têm uma origem sobre a qual ele não pode refletir sem horror (BENJAMIN, 1987, p. 225).

Para Benjamin o historicismo é identificado com os vencedores da história. Próximo das classes dirigentes do curso historial, o historicismo ludibria e desvia do sentimento messiânico as classes subalternas da história. Enquanto estas deveriam eclodir o curso temporal em rebeliões, para, em conjuntura lembrar os oprimidos do passado e combater as injustiças morais do presente para acabar definitivamente com a



opressão, o historicismo, recusa o espírito messiânico para se unir com todas àquelas carruagens que atropelaram e lançaram dos abismos escravos e crianças. Nesse aspecto,

Benjamin confronta, aqui duas concepções da história – com implicações políticas evidentes para o presente: a confortável doutrina ‘progressista’, para a qual o progresso histórico, a evolução das sociedades no sentido de mais democracia, liberdade e paz, é norma; aquela que ele afirma ser seu desejo, situado do ponto de vista da tradição dos oprimidos, para a qual a norma, a regra da história é, ao contrário, a opressão, a barbárie, a violência dos vencedores (LÖWY, 2005, p. 83).

É para romper o ciclo de relatos históricos contatos pelas classes triunfantes que Benjamin propõe a *Umschlagen*. Essa repentina ruptura com as narrativas históricas impostas pelos vencedores da história, representaria, no campo empírico, a revolução das classes oprimidas no presente. Somente a revolução redimiria as memórias dos injustiçados do passado.

O impulso propulsor da revolução, nesse sentido, não seria dado pelo historicismo, nem pelo marxismo, muito menos pela teologia. Para combater a apropriação da cultura associada a dominação social e ideológica da burguesia, apenas o espírito messiânico seria capaz. Sem ele, o historicismo e o materialismo histórico ficariam reféns das barbáries das classes vencedoras da história. Assim, as atividades humanas ligadas a propulsão da ruptura histórica e da revolução do proletariado ficariam atadas, imóveis, no cortejo triunfante de todos aqueles, que no instante presente, relatam os fatos históricos conforme seus interesses. O mérito da ‘paradoxal reversibilidade recíproca’ (*Umschlagen*), na ruptura histórica que busca apreender natureza íntegra dos fenômenos históricos, é destacada por Benjamin (1987, p. 224), no sexto aforismo:

O perigo ameaça tanto a existência da tradição como os que a recebem. Para ambos, o perigo é o mesmo: entregar-se às classes dominantes, como seu instrumento. Em cada época, é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela. Pois o Messias não vem apenas como salvador; ele vem também como o vencedor do Anticristo. O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer.

O perigo ao qual se refere Benjamin (1987), de acordo com Löwy (2005), está associado ao esquecimento do sofrimento das classes subalternas do passado, no tempo

presente. Com isso, propensão dos atos emancipadores ficaria enfraquecida frente a massificação promovida pelas classes dominantes.

É a rememoração das injustiças comedidas no passado, o fator responsável pela liberação das poderosas energias que extirpariam do curso temporal histórico e existencial, o conformismo promovido pelos vencedores. Esse conformismo, que deve ser combatido no presente para evitar a catástrofe da humanidade, neutraliza e esteriliza as imagens do passado e, conseqüentemente, torna cega o criticismo frente as dicotomias políticas, econômicas e sociais aspiradas pelas dinâmicas totalitaristas. A metáfora de Benjamin referente ao embate entre Messias e o Anticristo fica esclarecida com as seguintes proposições:

O Messias são os núcleos de resistência antifascista, as futuras massas revolucionárias herdeiras da tradição de junho de 1848 e de abril-maio de 1871. Quanto ao Anticristo – um teólogo cristão que Benjamin não hesita em integrar a seu argumento messiânico de inspiração explicitamente judaica – seu homólogo secular, é sem dúvida alguma, o III Reich (LÖWY, 2005, p. 68).

Em conformidade com o autor, Benjamin identificou à imagem do Anticristo, o maior mal opressor de todos os tempos, o III Reich e o Fascismo italiano. O nazismo e o fascismo, assim, na concepção de Benjamin representariam o Anticristo moderno pois, ambos estão “[...] profundamente enraizados no ‘progresso’ industrial e técnico moderno que, em última análise, não era possível no século XX.” (LÖWY, 2005, p. 85).

A massificação do proletariado proporcionada pela industrialização nazista e fascista é o principal alvo a ser atacado por Benjamin<sup>2</sup>. O totalitarismo italiano e alemão, nesse sentido, representaria aos oprimidos o perigo supremo, a morte constante das vítimas do passado que, no presente, continuam sendo massacradas pelos discursos autoritários.

A fabricação do gás *Zyklon B* utilizado para “racionalizar” o genocídio e as fábricas alemãs bélicas que empregavam mão de obra vinda dos campos de concentração, premonições monstruosas dos desastres que a civilização industrial burguesa estava promovendo, segundo Löwy (2005), foram os pressupostos centrais que

---

<sup>2</sup> A série documental *Obras do Nazismo*, exibida pelo History Chanel, revela a progressiva e intensa industrialização promovida pelos alemães durante a II Guerra Mundial. A construção de esquadras marítimas fortemente armadas (navios e submarinos), frotas blindas de tanques *Punzer* e os *bunkers* subterrâneos utilizados pelos nazistas durante a Grande Guerra, dão uma noção do tamanho investimento de recursos financeiros e mão de obra em tal empreitada.

incentivaram Benjamin à combater, através da *Umschlagen*, as narrativas históricas contadas do ponto de vista dos vencedores e incentivar a Ditadura do Proletariado. Essa situação é apresentada por Benjamin (1987, p. 227), do seguinte modo:

Nada foi mais corruptor para a classe operária alemã que a opinião de que ela nada com a corrente. O desenvolvimento técnico era visto como o declive da corrente, na qual ela supunha estar nadando. Daí só havia um passo para crer que o trabalho industrial, que aparecia sob os traços do progresso técnicos, representava uma grande conquista política. A antiga moral protestante do trabalho, secularizada, festejava uma ressurreição na classe trabalhadora alemã (BENJAMIN, 1987, p. 227).

A falsa noção de progresso reproduzida pelo autoritarismo das sociedades industriais, bélicas e modernas, associadas aos movimentos totalitarista, segundo Benjamin (1987), ocasionam terríveis retrocessos sociais. Nadar com a corrente, nessa perspectiva, significa entregar-se ao fatalismo que conduz a condição humana a catástrofe histórica. A ilusão imposta pela preponderância progressiva e contínua dos juros e do lucro do dinheiro sobre os interesses e os benefícios do indivíduo, deve, necessariamente, ser combatida no presente por atos emancipatórios do proletariado, motivados pelas reminiscências dos subalternos do passado.

Os motivos que despertam as forças messiânicas não devem ser buscados em causas extramundanas. É por esse motivo que Benjamin (1987) descarta a apreensão íntegra dos fenômenos históricos, unicamente pela teologia. Se assim fosse, as classes oprimidas continuariam a ser ludibriadas e desviadas do rompimento subido da história que, igualmente no instante presente, foi tão desejada no passado por todos aqueles que foram injustiçados.

Assim, o providencialismo por si só seria o grande responsável pela esterilidade revolucionária da história. A força messiânica das classes revolucionárias, que teria a incumbência de fazer explodir o *continuum* da história, nesses moldes, transformar ia-se em sentimentos de lástima, resignação e passividade. Ao contrário, se o providencialismo for mesclado com o materialismo histórico, para resgatar no passado as centelhas de esperança dos oprimidos, para que o presente ilumine o passado e o passado iluminado torne-se a esfera de atuação das força messiânica no presente, a humanidade alcançaria o Paraíso terreal. A exposição de Löwy (2005, p. 94-95) esclarece a situação:

Para Benjamin, a sociedade sem classes do futuro – o novo Paraíso – não é a volta ou a simples àquela pré-história: ela contém em si, como síntese dialética, todo o passado da humanidade. A verdadeira história universal, baseada na rememoração universal de todas as vítimas sem exceção, somente será possível na futura sociedade sem classes.

O vínculo entre o messianismo e a política conduziria a humanidade à futura sociedade sem classes. Conforme expõe Löwy (2005), a potência revolucionária do proletariado, dada pela unificação da teologia e do materialismo histórico, estamparia a política coletiva representada pela imagem da sociedade sem classes. Só assim a catástrofe histórica seria evitada.

Da mesma maneira que deve-se evitar a apreensão histórica unicamente através da teologia, interpretar a história exclusivamente através das forças produtivas e das relações de produção, seria um grave equívoco. Pois, de acordo com Benjamin (1987), a humanidade seria conduzida ao conformismo, a resignação e a tristeza. Frente as dicotomias sociais, políticas e econômicas constatadas nos modos de produção da História, a humanidade, isenta dos valores teológico messiânicos, sentir-se-ia passiva diante das perversidades exploratórias exercidas pelos vencedores da história, nas épocas remotas. Tal situação é exposta com as seguintes palavras:

É preciso restituir ao conceito de sociedade sem classes seu verdadeiro caráter messiânico, dentro do próprio interesse da política revolucionária do proletariado, porque somente quando se dá conta de seu significado messiânico é que se pode evitar as armadilhas da ideologia progressista (BENJAMIN *apud* LÖWY, 2005, p. 94).

Se o Paraíso terreal é visto por Benjamin (1987) como a futura sociedade sem classes, a aterrorizante imagem atroz, infernal, ligada a catástrofe mundana, corresponde ao projeto político desejado pelo liberalismo econômico.

Nesse contexto, Benjamin cita uma passagem de Engels, que compara a interminável tortura do operário, forçado a repetir sem parar o mesmo movimento mecânico. Mas não se trata apenas do operário, toda a sociedade moderna, dominada pela mercadoria, é submetida à repetição, ao ‘sempre igual’ (*Immergleich*) disfarçado em novidade e moda: no reino mercantil, a humanidade parece condenada as penas do inferno (LÖWY, 2005, p. 90).

É por meio da ‘paradoxal reversibilidade recíproca’ (*Umschlagen*) que Benjamin (1987), busca, incansavelmente, levando em consideração a análise minuciosa da luta entre opressões e oprimidos, exploradores e explorados e dominantes e

dominados, a interrupção do *continnuon* histórico e a Ditadura do Proletariado, representados, metaforicamente, pela vitória do Messias sobre o Anticristo.

Sem dúvida, a concepção de progresso sustentada e difundida pelo liberalismo econômico, fundamentada na acirrada exploração de uma classe sobre a outra, na expropriação dos meios de produção e na propriedade privada, para Benjamin (1987), tende a impelir a humanidade e o pensamento histórico à redenção.

Entretanto, para se redimir da opressão liberalista e das aspirações totalitaristas, Benjamin (1987) afirma a importância das seguintes forças espirituais: *Fé*, na reparação no presente das injustiças cometidas no passado; *Coragem*, no combate acionário contra a opressão dirigida às classes subalternas; *Perseverança* na constante busca dos direitos igualitários e, a *Astúcia*, no planejamento de ações políticas eficazes em desarticular o liberalismo econômico.

Somente assim, a história, para Benjamin (1987), não seria descrita, contada e narrada do ponto de vista dos vencedores. Os pesares episódios travados pelos derrotados da história e as ruínas sociais obscurecidas viriam à tona no presente para, despertar as forças messiânicas responsáveis por romper com as diversas contradições econômicas, políticas e sociais, em nome das gerações antepassadas.

A constante ameaça das classes dominantes ao curso histórico, proclamada pela validade única do individualismo econômico e pela obtenção incansável do lucro, para Benjamin (1987), não devem se tornar instrumentos de dominação das classes triunfantes. Através da *Umschlagen* as classes oprimidas teriam a incumbência de revolucionar a história, fazendo ela sair de seu estado de completa dissonância com o senso crítico, frente as dinâmicas totalitaristas impostas pelos dominadores históricos, representados, nesse contexto, pelas classes hegemônicas que triunfaram no curso historial. Nisso reside o objetivo de Benjamin:

[...] aprofundar e radicalizar a oposição entre o marxismo e as filosofias burguesas da história, aguçar seu potencial revolucionário e elevar-lhe o conteúdo crítico. É nesse espírito que define, de maneira decisiva, a possibilidade de um materialismo histórico que tenha aniquilado (*annihiliert*) em si mesmo a ideia de progresso. É justamente se opondo aos hábitos do pensamento burguês que o materialismo histórico encontra suas fontes (LÖWY, 2002, p. 202).

Não obstante o desejo de Benjamin, de fazer explodir o *continnuon* histórico e desviar a humanidade da catástrofe, Löwy (2002) afirma que, há nas *Teses*

benjaminianas, um profundo sentimento de pessimismo e melancolia. Benjamin, conforme destaca o autor, já teria reconhecido, anteriormente ao ápice da Segunda Guerra Mundial, as inumeráveis irresoluções e as infindas proporções contraditórias que a configuração econômica, política e social do modo de produção capitalista estava causando.

Tentando escapar das autoridades da Gestapo (Polícia Secreta Nazista) que, perseguia por toda Europa judeus e marxistas, Benjamin, com então quarenta e oito anos de idade, opta pelo suicídio em setembro de 1940, deixando a maioria de seus manuscritos em posse de Hanna Arendt (1906-1975) e Theodor Adorno (1903-1969).

### **Considerações Finais.**

O percurso que apreendeu-se até aqui, objetivava, em um primeiro momento, identificar as principais influências de Benjamin, na elaboração de seu projeto intelectual. Paralelamente, analisou-se alguns dos principais argumentos de Walter Benjamin à história. Investigando esses aspectos, conseguimos obter as ferramentas básicas para avançarmos e compreendermos, sucintamente, a relação entre a teologia e o materialismo histórico. Tivemos a oportunidade de acompanhar, brevemente, a maneira pela qual Benjamin propõe a ‘Paradoxal Reversibilidade Recíproca’ (*Umschlagen*). Assim, revelou-se o significado das metáforas apresentadas por Walter Benjamin.

O assombro promovido pelas forças deturpadoras dos movimentos totalitaristas, seja do nazismo, do fascismo ou do próprio modo de produção, segundo Benjamin (1987), destoam a verdadeira natureza dos acontecimentos históricos. Com isso, o perigo de entregar-se as classes dominantes e tornar-se mero instrumento em linhas de produção fordista, bate constantemente à porta no tempo presente. A ameaça aos hábitos mentais torna-se evidente diante da cumplicidade admitida por todos aqueles que aderem as premissas de uma soberania absoluta, eficiente em pregar discursos, cujo influxo, tende a direcionar (em parte) as classes subalternas ao conformismo e a penosa passividade.

A noção de progresso imposta pelo liberalismo econômico é um dos principais pressupostos a ser criticado por Benjamin (1987). A esse embate somam-se todas as ofertas de serviços e discursos utilitaristas, outorgantes da mais-valia que, acarretam por

um lado a soberania individual e por outro o abismo entre as classes econômicas. Nesse sentido, as prerrogativas do autor levam aos seguintes esclarecimentos:

a) Os detentores do capital, exercem no curso da história, orientações condizentes a seus interesses. Toda verdade contrária aos intuitos daqueles que detém os meios de produção, todas aquelas ocasiões ocorridas no passado que poderiam revelar no presente as significativas incoerências ocasionadas pela propriedade privada, pela acumulação do capital e pela livre concorrência industrial, devem levar os oprimidos, através ‘Paradoxal Reversibilidade Recíproca’ (*Umschlagen*), ao combate direto e acionário contra a opressão cometida pelos triunfantes da história.

Os marxistas acreditavam que o modo de produção capitalista criou um irremediável conflito entre as duas principais classes desse sistema: o proletariado e o burgueses. Nessa imensa contradição entre trabalho e capital, os conflitos gerados a partir das dicotomias existentes em todas as esferas da sociedade, levariam o proletariado a assumir o controle dos meios de produção, abolindo, desta maneira, um dos pilares básicos do capitalismo: a propriedade privada. Na perspectiva de Benjamin (1983), a Ditadura do Proletariado anularia as drásticas diferenças entre as classes sociais e a dominação do homem sobre o homem. Só assim, em seu ponto de vista, seria possível uma história universal. Tal situação depreende um segundo esclarecimento:

b) A apreensão da história através da luta de classes, se torna exercício eficazes em combater as dicotomias da humanidade, apenas se a ele se somar o messianismo. Para Benjamin (1987), o materialismo histórico e a teologia fundamentam o principal princípio que motiva à revolução e à explosão do *continuum* histórico: a *Umschlagen*. Uma vez despertada a força messiânica, o aprimoramento progressivo da *Fé*, da *Coragem*, da *Perseverança* e da *Astúcia* nos espíritos das classes subalternas, conduziria o curso da história para longe da catástrofe mundana.

Finalizando este artigo, ressalta-se que não se teve a intenção de provocar ninguém, nem mesmo os grupos acadêmicos mais dogmáticos. Apenas tentou-se demonstrar, através da leitura do texto de um dos principais personagens de todos os tempos, o sentimento pessimista de Benjamin à história. Nesses moldes, seu suicídio pode ter sido o reflexo melancólico de suas ineficazes tentativas de incentivar, impulsionar e mobilizar, movimentos de esquerda mais radicais do que o marxismo tradicional, em ações contra ao autoritarismo imposto pelos vencedores da história.

Os conceitos que foram desenvolvidos neste artigo, mesmo de modo específico e sucinto, abrem caminho para estudantes e profissionais pesquisarem a proposta histórica de Walter Benjamin. Com isso, a escolha do tema deste artigo, preocupou-se em desenvolver, dentro do possível, o conceito específico de ‘Paradoxal Reversibilidade Recíproca’ (*Umschlagen*), evidenciando, como Benjamin articulou esse conceito a elaboração de sua proposta intelectual.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo, SP: Brasiliense, 1987, p. 222-232

LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: Aviso de incêndio. Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. Tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant. São Paulo, SP: Boitempo, 2005.

\_\_\_\_\_. *A filosofia da história de Walter Benjamin*. Revista Estudos Avançados da USP, v. 16, nº 45. São Paulo, SP. , julho-setembro de 2002, p. 199-206.